

ENTRE PANELOS E PROJEÇÕES: A GUERRILHA URBANA DURANTE O INVERNO POLÍTICO BRASILEIRO

Célia Bassuma Fernandes¹
Rafael Ricardo de Oliveira²

Resumo: Este trabalho objetiva discutir as novas formas de resistência engendradas no espaço urbano, quando a pandemia do COVID-19 nos isolou em casa. Impedidos de ir às ruas, para nos manifestarmos, mesmo no espaço do privado, encontramos novas formas de protestar contra os desmandos do então presidente que, em pronunciamentos oficiais e lives semanais, minimizava a crise sanitária instalada no país. Para dar conta desse objetivo, respaldamo-nos na Análise de Discurso, fundada por Pêcheux e reterritorializada por Eni Orlandi, no Brasil, e pelos demais pesquisadores que com ela tecem redes. Recortamos os painéis e as projeções de imagens e dizeres em prédios e monumentos durante a pandemia, como objeto de estudo, por compreendermos que essas diferentes discursividades do/no espaço urbano constituíram novas formas de o sujeito se significar e significar o mundo, naquilo que designamos de inverno político brasileiro.

Palavras-chave: Discurso; Painéis; Projeções; Resistência

ENTRE « PANELOS³ » ET PROJECTIONS : LA GUÉRILLA URBAINE PENDANT L'HIVER POLITIQUE BRÉSILIEN

Résumé: Ce travail vise à discuter des nouvelles formes de résistance engendrées dans l'espace urbain, lorsque la pandémie de COVID-19 nous a isolés chez nous. Empêchés d'aller dans les rues afin de nous faire manifester, même dans l'espace privé, nous avons trouvé de nouvelles façons de protester contre les excès du président de l'époque qui, dans ses déclarations officielles et ses visios hebdomadaires, minimisait la crise sanitaire en cours dans le pays. Pour atteindre cet objectif, nous nous appuyons sur l'Analyse du Discours, fondée par Pêcheux et reterritorisée par Eni Orlandi, au Brésil, et les autres chercheurs

1 Doutora em Letras (UEL) e docente no Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO. E-mail: celiabassuma@unicentro.br

2 Doutorando em Letras (UNICENTRO). E-mail: rafaelriol@hotmail.com

3 Para "barulho" (como manifestação/agito/painel) em francês encontramos também em uso o substantivo "le vacarme" (LAROUSSE). Quer dizer: Bruit assourdissant, tapage. São sinônimos: boucan (familier), raffut (familier), randam (populaire), tapage (familier), etc. Se necessário traduzi-lo, poderia ser utilizado « tapage » caso se refira a uma forma de fazer barulho "batendo" algo.

qui tissent des réseaux avec elle. Nous découpons les painéis et les projections d'images et des dictons sur les bâtiments et les monuments pendant la pandémie, comme objet d'étude, car nous comprenons que ces différentes discursivités de/dans l'espace urbain constituent de nouvelles façons pour le sujet de se signifier et de signifier le monde, dans ce que nous appelons la saison hivernale politique brésilienne.

Mots-clés: Discours; Painéis; Projections; Résistance.

Morrer: uma prática (im-)pensável

Final de 2019, ouvimos rumores de um novo vírus que se alastrava, rapidamente, pela China. Apesar da comoção provocada pelas mortes, não demos muito ouvido a eles... afinal, o vírus estava, literalmente, do outro lado do mundo. Designado de SARS-COV-2, ele rapidamente se espalhou pela Europa e chegou do outro lado do Atlântico em fevereiro, conforme apontaram estudos. Era verão, no Brasil, e o medo nos tomou por completo.

Em março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou o surto como pandêmico, pois ele já havia sido detectado na maioria dos países de quase todos os continentes do nosso planeta. Especialistas que ainda lidavam com um não tão simples desconhecido, alertavam sobre a importância do isolamento/afastamento social. O mundo parou. As cidades pararam. De acordo com Beiguelman (2020, p. 5), o espaço urbano foi a primeira vítima do coronavírus e "da categoria de lugar perigoso, das multidões amotinadas e do encontro do inesperado, uma definição que nos assombra desde o século XIX, passa a de contágio".

Trancamo-nos em casa com medo do vírus letal. Smartphones, tablets, notebooks passaram a ser da ordem do imprescindível e, em pouco tempo, nossas salas, quartos e até mesmo as nossas cozinhas se transmutaram em salas de aula ou reuniões e/ou escritórios. O domínio do privado, aos poucos,

foi invadido pelo que vinha "de fora", embora não tenha deixado de configurar o espaço da proteção.

O inverno se aproximou ainda mais duro e frio. Ministros da Saúde foram demitidos por não se alinharem ao discurso do presidente Jair Bolsonaro, no que se referia à importância de ficarmos em casa e passamos boa parte da quarentena com o cargo de ministro da saúde na vacância. Insegurança. O número de mortes aumentando dia a dia, nos alertando não apenas sobre a efemeridade da vida, mas sobre a falta de políticas públicas. Estávamos desprotegidos.

Seguimos alternando sentimentos, saindo de casa somente para o estritamente necessário e tendo como fiéis companheiros o álcool em gel e as máscaras, que, ao mesmo tempo que nos protegiam, nos sufocavam, escondendo sorrisos e nos impossibilitando de ver rostos por inteiro. A primavera chegou e as cidades já não estavam tão vazias...aos poucos, retornamos ao "novo normal", mas, com certeza, nem o mundo nem nós seremos mais os mesmos. Com a pandemia, mesmo sem sair de casa, aprendemos novas formas de nos mobilizarmos, de nos significarmos e de significarmos o espaço urbano e aquilo que nos afetava como cidadãos expostos a um vírus mortal.

Foi necessário ousar pensar por nós mesmos

No plano do imaginário, a cidade constituiu um lugar de unidade, de completude dos sentidos e dos sujeitos. Esse sentido de

completude e inteireza deriva do imaginário projetado sobre ela por especialistas do espaço urbano, como administradores, arquitetos e urbanistas, que organizam, planejam, calculam o espaço urbano de maneira abstrata ou empírica para atender aos objetivos pretendidos. Podemos citar, como exemplo de organização urbana, a criação de praças e a instalação de monumentos, entre outros.

Esse modo de organização da cidade, conforme Orlandi (2004), acaba por afetar também aqueles que a habitam, encaminhando para o consenso, que também é uma construção imaginária. Para a autora, o discurso urbano encerra o social, que se realiza, administrativamente como policiado, numa referência à manutenção da organização urbana. Isso significa que “[...] o social passa a ser significado pela urbanidade (planejamento e tecnologia), perdendo muito de suas características materiais estruturantes” (Orlandi, 2004, p. 64).

No entanto, o discurso social não é homogêneo. É preciso, então, pensar na ordem da cidade, isto é, no seu real o que significa pensar nos seus movimentos e na sua forma histórica, frequentemente ignorada, abafada e silenciada. Por esse viés, ela é compreendida como um espaço material de significação e, portanto, como um produto historicamente construído em condições específicas. Para a autora, a cidade se materializa como um espaço de interpretação: “[...] nela, sujeitos, práticas sociais, relações entre o indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço citadino com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados” (Orlandi, 2012, p. 200).

Nesse sentido, a cidade vai muito além de ser um simples espaço físico onde transitam meros corpos biológicos, mas constitui um espaço simbólico e político no qual se engendram relações por e entre sujeitos historicamente constituídos. É nela – na ma-

terialidade da cidade – em que acontecem e se fazem encontros, laços, circuitos de afetos dos mais diversos (Safatle, 2016), permitindo tanto a socialização e convivialidade quanto a segregação e a hostilidade.

Pensar na narratividade urbana significa trabalhar a espessura semântica da cidade, ultrapassando o imaginário saturado que se tem sobre ela, flagrando o seu real significado por meio de “[...] clarões, relâmpagos, luminosidades que não duram senão o tempo de um flash, de uma mirada, de um lembrete. Fulgurações. Mas que ficam na retina produzindo seus efeitos” (Orlandi, 2004, p. 36)

De acordo com a autora, a cidade se significa de diferentes formas: o rap, a poesia, a música, as pichações, outdoors, painéis, rodas de conversa, por exemplo, são formas do discurso urbano e constituem “fulgurações”, “flagrantes” de um corpo em movimento. Essas formas do discurso urbano constituem “cenas de que o sujeito participa, sem distância” (Orlandi, 2004, p. 30). Ou seja, ele não narra de fora, mas se narra como parte da cena. Esses flagrantes constituem a narratividade urbana, compreendida pela autora, como “palavras da cidade”, como parte da cena.

Exemplo dessas cenas da qual o sujeito participa no discurso urbano foram os painelaços, convocados via redes sociais, por organizações como a Frente Brasil Popular e Povo Sem Medo, a União Nacional dos Estudantes (UNE), centrais sindicais e movimentos populares, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Os protestos/manifestações ocorreram em várias cidades do país, especialmente, nos grandes centros urbanos, a partir de 17 março de 2020, com o objetivo de demonstrar insatisfação contra a postura do então Presidente Jair Bolsonaro (sem partido, na

época) diante do avanço da COVID-19, no país, e o chamado para que a população retornasse ao trabalho, para não comprometer a atividade econômica, como foi largamente divulgado pela mídia.

Outro exemplo de flagrantes/fulgurações do urbano foram as projeções em prédios que ocorreram, concomitantemente, junto aos painéis. Criadas não só por artistas, mas também por cidadãos comuns, nos prédios, dizeres e imagens projetadas manifestavam o repúdio à falta de medidas efetivas do governo para conter o vírus e incentivavam a quarentena em grandes centros urbanos. De acordo com o Jornal O Estado de São Paulo, para o site da UOL, as projeções são uma técnica de arte urbana que vem se popularizando e tomando monumentos e as fachadas dos edifícios de grandes cidades do Brasil, durante os protestos contra o presidente⁴.

Conforme o VJ Felipe Spencer, do grupo Projetemos, que debatia diariamente a pauta das mensagens e compartilhava arquivo único para projeção, a intenção dessa nova forma de protesto era conscientizar as pessoas sobre a situação na qual estávamos imersos e indefesos, destacar a posição dos especialistas da área médica e de protestar contra a postura do governo diante da pandemia⁵.

Segundo reportagem de Marcos Grinspum Ferraz, no site Arte! Brasileiros, o Projetemos é um coletivo criado em tempos de isolamento social por causa do coronavírus pelos VJs (vídeo jockeys) Mozart e Spencer e pela cientista política Bruna Rosa. Conforme o jornalista, em muito pouco tempo, o coletivo se expandiu para muito além do universo dos VJs, criadores e operadores de per-

formances visuais e dele passaram a fazer parte, também, designers, produtores, jornalistas e ativistas de diversas causas, além de outras pessoas dispostas a se engajar no movimento.

Em entrevista concedida à Ferraz, o VJ Mozart comparou o coletivo a uma colmeia onde todas as abelhas são importantes e afirmou que ele surgiu com a finalidade de conscientizar os cidadãos brasileiros sobre a letalidade da doença, levando não apenas informação, mas também esperança à população.

De acordo com Ferraz (2020), as projeções se somaram aos painéis, “[...] após a recomendação de isolamento social pelos profissionais da saúde e a – no mínimo – controversa atuação do presidente da República frente à pandemia do novo coronavírus”. Do nosso ponto de vista, os painéis e as projeções passaram a constituir não apenas um meio de manifestação política e se tornaram armas de conscientização contra a falta de políticas públicas para combater a pandemia que ceifava milhares de brasileiros todos os dias.

No perfil de Instagram @projetemos foram postadas, diariamente, dezenas de imagens das projeções feitas ao redor do país, sempre após o anoitecer e que, quase sempre seguiam as linhas de atuação definidas pelo coletivo. Acolhedoras ou de protesto; informativas ou encorajadoras; motivacionais ou indignadas; poéticas ou ríspidas, as projeções luminosas se espalharam pelo cimento armado nas cidades do país, fazendo ecoar discursos como: “É preciso estar atento, forte e em casa”; “Sem um povo saudável não existe economia”; “Na Itália não faltou comida, mas faltou caixão. Fique em casa”; “Lavar as mãos salva vidas”; “Fora Bolsonaro”; “1o de abril: dia do Bolsonaro”; “Foi uma ditadura, houve tortura, não é uma gripezinha, a terra é redonda”; “Chega de fakenews!”; “Vai dar tudo certo”; “A gente

4 Disponível em: www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/17 Acesso em: 04 out. 2020

5 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/29/projecoes-vi-ram-nova-forma-de-se-manifestar.htm>. Acesso em: 04 out. 2020.

não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte”, entre tantas outras.

Mas qual o sentido de bater painelas nas sacadas dos prédios ou nas janelas das casas e projetar imagens em prédios e/ou monumentos, em tempos de pandemia? De acordo com Beiguelman (2020, p. 9), no Brasil,

o vírus ganhou contornos ideológicos e políticos únicos, diante do negacionismo da presidência da República sobre a gravidade da maior crise de saúde da história. A resposta das ruas foi aqui também peculiar. Na impossibilidade de estar nas calçadas, protestando, um levante audiovisual transformou os janelões⁶ em difusa e heterogênea pandemia de imagens, por meio de projeções nas fachadas e empenas.

Para a autora, durante a pandemia, protestar nas janelas não era uma escolha, já que não era possível protestar nas ruas: “as janelas foram tomadas, reconfigurando o espaço público, esvaziado pelo isolamento, a partir de uma performance coletiva e anônima” (BEIGUELMAN, 2020, p. 9).

Foi necessário ousar nos revoltar

Os painelaços são protestos/manifestações, nos quais são utilizados utensílios de cozinha, em especial, painelas, para chamar a atenção para o som produzido por eles ao serem batidos uns contra os outros.

Segundo consta, os painelaços teriam surgido na Argentina, em 2001, quando a crise econômica, no país, se acentuou. No Brasil, não há consenso nem registros ou estudos sobre quando esse tipo de manifestação ocorreu pela primeira vez, já que se trata

6 A autora usa a designação “janelão” para diferenciar o tipo de protesto que marcou o processo de impeachment da presidenta Dilma, já que naquele momento, protestar nas janelas teria sido uma opção para quem decidiu não ir às ruas (BIGUELMAN, 2020, p. 9).

de um novo tipo de mobilização do sujeito no espaço urbano. Contudo, os primeiros registros dão conta de que um primeiro painelaço teria ocorrido junto às manifestações do movimento “Não vai ter Copa”, que mobilizou, especialmente, moradores das capitais brasileiras, nas quais seriam disputados os jogos da Copa do Mundo de 2014, para protestar contra os gastos excessivos das obras.

Outro painelaço teria ocorrido em 08/03/2015, em pelo menos 12 capitais do país, entre elas, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, quando Dilma Rousseff fazia um pronunciamento em rede nacional de TV, em alusão ao Dia Internacional da Mulher. A essa manifestação, seguiram-se mais duas: uma no dia 15 de março, durante a transmissão de uma entrevista coletiva com os ministros da Justiça, José Eduardo Cardozo e da Secretaria-Geral da Presidência, Miguel Rossetto.

No dia seguinte (16/03), durante uma reportagem sobre a presidenta exibida pela TV Globo, no Jornal Nacional, outro painelaço foi registrado. Esses dois painelaços teriam sido feitos para demonstrar a insatisfação com o governo da então presidenta e teriam sido, também, apontados como um dos motivos pelo qual ela não fez um pronunciamento desde que assumiu a presidência, em homenagem ao Dia do Trabalho. Ao invés do pronunciamento em rede de rádio e TV, Dilma optou por fazê-lo pela rede mundial de computadores.

Diante disso, alguns movimentos, dentre os quais, o “Vem Pra Rua”, “Revoltados On Line” e “Movimento Brasil Livre”, que lideravam as manifestações contra Dilma em diversas cidades do Brasil, na época, usaram o Facebook para convocar painelaços em todo o Brasil, na noite de 05 de maio de 2015, quando iria ao ar um programa do PT (Partido dos Trabalhadores), em rede nacional de TV. O programa já havia sido divulgado na manhã desse mesmo dia no perfil do parti-

do, dessa mesma rede social e os painéis ocorreram em pelo menos 22 Estados e no Distrito Federal, na noite daquela terça-feira (05/05/2015).

Com o objetivo de evidenciar mais o partido do que o governo, o programa deu ênfase ao ajuste econômico promovido pelo governo, comparando-o a ações de outros governos em outros momentos de instabilidade econômica. Além disso, reforçou o discurso de que os governos petistas foram os que combateram mais efetivamente a corrupção. Dilma Rousseff não participou do programa e apareceu em poucas imagens, sem legenda.

Na narração, os apresentadores do programa destacaram as conquistas sociais e econômicas dos anos em que o partido governou o país, mencionando programas como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida e Prouni, além de obras de infraestrutura, como a revitalização de portos e aeroportos e a descoberta do pré-sal. Enquanto o presidente Rui Falcão informava que o partido expulsaria todos os políticos denunciados por corrupção, Lula se opunha radicalmente à terceirização dos serviços públicos⁷.

Em 06 de agosto de 2015, além de vaia e gritos, buzinações e painéis ocorreram nos grandes centros urbanos, durante o programa eleitoral do Partido dos Trabalhadores (PT), transmitido pelo rádio e televisão e do qual participaram Dilma Rousseff e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva⁸. Em seu discurso, Dilma afirmou que sabia muito bem suportar “pressões e injustiças”, sem, no entanto, dar maiores detalhes. Porém, devido a sua história de militância no PT, o sen-

tido que ecoou foi o das torturas que sofreu durante a ditadura militar.

Em 23 de fevereiro de 2016, foram registrados painéis durante o programa eleitoral do PT em rede nacional de rádio e televisão, do qual participou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que nesta época, fez uma mea-culpa e disse que “erramos, mas acertamos muito mais”, numa referência aos governos comandados pelo PT. Ao final dos 10 minutos, tempo estipulado para a propaganda política do PT, foi posta em circulação a formulação: “O PT foi o partido que mais encheu a panela dos brasileiros”, numa referência irônica aos painéis até então organizados, em sua maioria, por militantes contrários ao partido político.

Em 17 de junho de 2017, o Jornal da Globo noticiou que o dono da JBS, Joesley Batista, havia delatado o presidente Michel Temer e que o então presidente, por sua vez, teria avalizado a compra do silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB) e do operador Lúcio Funaro, ambos presos na Operação Lava Jato. Junto ao som das buzinas, matracas e painéis, ecoaram, nas ruas das cidades, as formulações “Fora Temer” e “Diretas Já”.

Nos dias 17 e 18 de março de 2020, novos painéis foram organizados como forma de protesto contra o governo do Presidente Jair Bolsonaro. As manifestações ocorreram depois de o presidente falar, mais de uma vez, sobre a “histeria” em relação ao novo coronavírus, numa referência às ações de alguns governadores que recomendaram, fortemente, o isolamento social, prejudicando a economia, de acordo com ele.

Essas considerações são importantes para compreendermos por que circularam esses discursos e não outros em seu lugar. Trata-se, portanto, de pensar nas circunstâncias em que eles foram produzidos e circularam, pois como afirma Orlandi (1999, p. 30), “as margens do dizer” também fazem parte

7 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/05/05/programa-do-pt-na-tv-e-acompanhado-de-panelaco-e-buzinaco.htm>. Acesso em: 02 out. 2020.

8 Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/08/cidades-registram-protestos-durante-programa-do-pt-com-dilma-e-lula.html>. Acesso em: 05 out. 2020.

Figura 1: Manifestação contra Michel Temer, em São Paulo



Fonte: GoogleImagens <https://www.google.com/search?q=panela%C3%A7os+&scaesv=586292492&tbm=isch&sxsrf=AM9HkKm07rBd21rjG9hyl007sKN2Rh-YDg%3A1701263509182&source=hp&biw=1366&bih=651&ei=IThnZZeKcFWe5OUP5fWuyAg&flsig=AO6b>

Figura 2: Proiecões em prédios



Fonte: Google imagens <https://veja.abril.com.br/politica/briga-de-panelacos-ruidosos-protestos-contra-e-a-favor-de-bolsonaro>. Acesso em 25 out.2020.

do processo de produção de sentidos. Dizendo de outro modo, aquilo que é exterior ao discurso, também nele significa.

Após 15 dias consecutivos de protestos, no dia 31 de março, houve novo pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro e, além dos painéis já frequentes nos maiores centros urbanos do Brasil⁹, surgiu uma nova onda de protesto/manifestação contra a falta de atenção por parte do governo no que se referia ao combate e à prevenção da COVID-19. Cidadãos comuns apontaram projetores, de suas janelas, nos prédios vizinhos, colocando em circulação dizeres como os das figuras que seguem:

Por meio das projeções em vídeos, os sujeitos se manifestaram contra as medidas adotadas pelo Governo Federal diante do aumento exponencial do número de casos confirmados do coronavírus e, indo além, pediram o impeachment do presidente. Os gritos de “Acabou Bolsonaro” e “Fora Bolsonaro” constituem, por esse viés, discursos de resistência, pois aquele que deveria zelar pela saúde do povo, estava mais preocupado com a economia do país do que com as vidas dos cidadãos brasileiros. Sob essas circunstâncias, passaram também a ser projetados, nos prédios, outros dizeres que se opunham ao discurso do presidente.

Na figura 3, podem ser vistas/lidas as formulações: “Ficando em casa agora, sairemos mais fortes disso tudo”, escrita sobre faixas brancas e um coração vermelho, ao fundo. Ficar em casa, nessa época, significava estar menos exposto ao vírus letal e ainda desconhecido. A casa era o lugar da segurança.

O “agora” é o momento da crise, da pandemia e “sairemos mais fortes disso tudo” encaminha para sentidos de que a

pandemia que se alastrava rapidamente pelo país, serviria para unir ainda mais os brasileiros. Contudo, se levarmos em conta que o presidente vinha sendo criticado por não tomar decisões importantes para conter a COVID-19, “disso tudo” também pode ressoar sentidos sobre o governo fascista, em curso, no Brasil, e “apesar dele” aponta, também, para esse sentido.

Outro discurso que circulou sob a forma de projeção em prédios, das grandes capitais, do Brasil, é a que segue (Figura 4) e na qual ressoam sentidos sobre a postura do Presidente Jair Bolsonaro, no que dizia respeito à eficácia do isolamento social da população para conter a pandemia no país. Nessa materialidade discursiva, os dizeres “Ignore o Presidente” e “Informe-se” ao mesmo tempo em que convocam os sujeitos a aderir à quarentena, ignorando o discurso do presidente, os interpelam a procurar por maiores informações sobre a doença.

Em vídeo publicado no YouTube¹⁰, a Revista Veja, em parceria com Os Fatos, Diretoria de Análise de Políticas Públicas FGV (Fundação Getúlio Vargas) e Quaest, fez um levantamento sobre os discursos de Bolsonaro, em pronunciamentos oficiais, lives semanais e entrevistas coletivas, num período de 80 dias, que se estende de 12 de março a 30 de maio. De acordo com a revista, a cada cinco vezes que o presidente se referiu à pandemia, somente uma vez ele a significou como uma questão de saúde pública. Nas demais declarações, ele revelava sua preocupação com o impacto da pandemia no setor econômico. Foram 55 declarações minimizando as mortes pela COVID-19, classificadas por ele como “fatalidades”, tendo em vista que, conforme ele, “outros vírus já mataram mais gente”.

O levantamento feito pela revista reve-

9 Em matérias jornalísticas, publicadas no Jornal Folha de S. Paulo, Finotti (2020a; 2020b) relata como começou o movimento das projeções coletivas de março de 2020.

10 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7pd4t3sFdrI&ab_channel=vejapontocom. Acesso em: 01 out. 2020.

lou que, nesse período, o presidente desaprovou, 140 vezes, a conduta de alguns governadores. Isso corresponde, em média, a dois ataques diários, desferidos, sobretudo, contra o governador de São Paulo, João Dória e cujas medidas restritivas teriam eliminado um milhão de postos de trabalho no estado, segundo o presidente. A cloroquina foi citada 73 vezes, por ele, como droga capaz de conter o vírus, embora estudos científicos realizados em todo mundo já viessem comprovando a sua ineficácia.

A menção ao medicamento pelo presidente, que até mesmo mostrou caixas dele, em entrevistas coletivas, talvez tenha sido a razão para que essa projeção ganhasse espaço nos prédios. Era preciso convencer parte da população de que o vírus se espalhava com facilidade e aderir à quarentena, pois ficar em casa era a melhor medida a ser tomada. Para a teoria na qual ancoramos esse trabalho, são as formações imaginárias que permitem passar das situações (objetivamente definíveis) para as posições (representações dessas posições), conforme Pêcheux (1997a, p. 82).

Desse modo, não são os sujeitos físicos e cujos lugares são possíveis de serem descritos empiricamente que funcionam no processo discursivo, mas suas imagens que resultam de projeções. Conforme Orlandi (1999, p. 40), são as formações imaginárias que produzem imagens do sujeito e do objeto do discurso, em condições de produção específicas. A partir desse conceito, podemos dizer que boa parte da população não aderiu ao isolamento social, porque o presidente da república disse que a pandemia era só “uma gripezinha” e que os brasileiros deveriam levar uma vida normal.

Esse negacionismo produziu seus efeitos e boa parcela da população acreditou que a COVID-19 não era uma doença tão perigosa. Some-se a isso, as inúmeras vezes em que o presidente foi para as ruas sem a

máscara de proteção, tão recomendada por especialistas, ou então, a usou de maneira inadequada. Nessas ocasiões, apertava mãos de simpatizantes, pegava crianças no colo, desrespeitando as normas de afastamento social apregoadas, inclusive, por dois de seus ministros da saúde.

No imaginário coletivo, Bolsonaro estava autorizado a dizer o que dizia e do lugar de presidente da república, o que dizia era verdade e seu discurso não podia, portanto, ser contestado. Conforme Orlandi (1999, p. 42), “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, em relações de poder”.

Para boa parcela da população brasileira, o discurso do presidente contra o isolamento social, teve mais valor do que aquele proferido pelas demais autoridades em saúde, que aliás, ao não concordarem com ele quanto à política de afastamento/isolamento social, no período da pandemia, tiveram seus cargos cassados, como aconteceu com os médicos e ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich (a frente da pasta por apenas um mês e dois dias).

Em pouco tempo, as projeções foram além das fachadas dos prédios e monumentos famosos também foram encobertos por imagens e dizeres em favor da saúde e contra o discurso do presidente. No dia 03 de maio de 2020, para tentar reverter os efeitos provocados pelo discurso do presidente sobre a população, uma máscara cobriu o rosto do Cristo Redentor (Figura 5), maior cartão postal do país, entre 19h e 22h. A campanha foi uma iniciativa do Todos pela Saúde, aliança de especialistas criada com o objetivo de combater o novo coronavírus e seus efeitos sobre a sociedade brasileira, segundo reportagem publicada no Bem Paraná, nesse mesmo dia.

Figura 03 – Projeção em prédio no centro da cidade de São Paulo



Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/cidades-brasileiras-registram-panelaco-contra-bolsonaro-pelo-15o-dia-seguido.ghtml>. Acesso em 20 out.2020.

Figura 04 – Projeção em prédio no centro da cidade de São Paulo



Fonte: Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/projetemos-das-janelas-%C3%A0-a%C3%A7%C3%A3o-f2f094324e5a>. Acesso em 25 de out. 2020.

Figura 05: Cristo Redentor, um dos principais pontos turísticos do Rio de Janeiro, ganha máscara.



Fonte: Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/cristo-redentor-surge-de-mascara-e-incentiva-prevencao-ao-coronavirus>. Acesso em 27 out. 2020.

Com base em quatro eixos – informar, proteger, cuidar e retomar – a campanha previa desde orientação e valorização de iniciativas já existentes até a compra de equipamentos de saúde, capacitação de profissionais e compra e distribuição de insumos, segundo o portal de notícias.

Faziam parte do Todos pela Saúde, profissionais voluntários da área da saúde com ampla experiência, de instituições públicas e privadas, como o médico Paulo Chapchap, doutor em clínica cirúrgica pela Universidade de São Paulo e diretor-geral do Hospital Sírio Libanês; o médico, cientista e escritor Drauzio Varella; o ex-presidente da Anvisa, Gonzalo Vecina Neto; o ex-diretor-presidente da Agência Nacional de Saúde (ANS) Maurício Ceschin; o consultor do Conselho dos Secretários de Saúde (CONASS) Eugênio Vilaça Mendes; o presidente do Hospital Albert Einstein, Sidney Klajner e Pedro Barbosa, presidente do Instituto de Biologia Molecular do Paraná (IBMP), instituição ligada à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)11.

Contudo, antes dessa projeção, do dia 12 de abril (Páscoa), o Todos pela Saúde projetou um jaleco e diferentes rostos de médicos e enfermeiros no Cristo Redentor, fazendo ecoar sentidos sobre aqueles que atuavam na linha de frente da COVID-19. Aos pés da estátua, foi escrito “obrigado”, em diferentes idiomas.

A máscara tapando o nariz e a boca do Cristo Redentor encaminhava para a importância da utilização da máscara ao sair de casa, pois até mesmo aquele que tem o poder de curar não estaria a salvo do coronavírus, logo, também precisava de proteção. No peito do Cristo, um coração vermelho irradiando luz ecoa o sentido de que todas as vidas eram importantes e o crachá no qual estava escrito “usar máscara salva”, fez retornar, no eixo da formulação, discursos de autoridades em saúde, não só do Brasil, que recomendavam o uso de máscaras de proteção para diminuir as taxas de transmissão

<https://www.metropoles.com/brasil/cristo-redentor-ganha-projecao-de-mascara-em-ato-de-conscientizacao#.X4TFNBKjIV>. Acesso em: 12 out.2020.

11 Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/no->

do vírus durante o contato social. A hashtag #MascaraSalva reforçava esse sentido. Esse discurso das projeções constituiu um exemplo claro de desidentificação do discurso do Todos pela Saúde e o discurso do presidente que, em 29 de março, após um passeio pela Ceilândia, disse que “todos vamos morrer um dia”.

Em outra ocasião, (28/04/2020), quando o país ultrapassava o número de mortes por COVID-19, na China, somando mais de cinco mil vítimas, ao ser indagado sobre as políticas públicas de combate ao vírus ou a falta delas, o presidente disse que: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Mesias, mas não faço milagre”. Esses discursos do presidente causaram ainda mais indignação e revolta e tornaram ainda mais evidente o sentido de que, para ele, a crise sanitária era uma pauta secundária, pois o país teria “outros problemas para resolver”.

O discurso da projeção se alinhava, portanto, ao discurso da medicina, ao enfatizar a importância da máscara de proteção, única forma eficaz encontrada de evitar o contágio, uma vez que ainda não havia uma vacina eficaz para combater o coronavírus e se distancia, contesta, se revolta contra os discursos do presidente.

Palavras (in-)conclusas

Neste trabalho, recortamos como objeto de estudo os painéis e projeções, porque compreendemos que constituem novas formas de resistência ao discurso do presidente Jair Bolsonaro, já que quando o Estado não fez a sua parte durante a pandemia, ousamos pensar por nós mesmos. Ousamos, também, nos revoltar, conforme propõe Pêcheux (1997b, p. 304).

Mesmo impedidos de sair às ruas, demonstramos nosso descontentamento contra a falta e a falha do Estado no combate ao coronavírus. O som oco das painéis vazias

ecoou nas ruas das cidades, produzindo o efeito de sentido de (com-)unidade, de que mesmo isolados, entrancheados em casa, não estávamos sozinhos.

Ultrapassando as fronteiras do privado, esses sons se misturaram aos gritos entalados nas gargantas, ocupando ruas e avenidas, espaços públicos esvaziados pelas medidas de isolamento social, mas necessárias para a contenção do coronavírus.

Aos sons das painéis e gritos de protesto, se somaram as projeções, que deram vida ao concreto armado. As paredes dos prédios e monumentos foram cobertas por cores, imagens e palavras de ordem e, conforme Beiguelman (2020, p. 11), “a lente do projetor extravasou o que está dentro para fora, catapultando o desejo de mudança e a revolta”.

Essas novas formas de resistir, no espaço urbano, não puderam ser contidas. Ao contrário, se espalharam com força pelo espaço urbano, como um gesto de resistência (ou desobediência?) àquilo que era determinado pelo presidente.

Ficamos em casa. Fizemos delas nossas trincheiras, contra o vírus e contra o discurso do poder, mas as paredes não nos calaram, não abafaram nossas vozes... mas “e daí?” “Apesar disso” e “apesar dele”, continuamos (re-)existindo.

Referências:

BEIGUELMAN, Giselle. Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana. v. 8. São Paulo: Ecidade, 2020. Disponível em: https://escoladacidade.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/200811_op_giselle_LEITURA-DIGITAL.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

FERRAZ, Marcos Grispum. Projeções luminosas se espalham pelo país como armas de luta e conscientização. Arte Brasileiros, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://>

artebrasileiros.com.br/arte/cidade/projetos-isolamento-social-coronavirus/. Acesso em: 05 de jul. 2020.

FINOTTI, Ivan. Painéis contra Bolsonaro ganham reforço de projeções. *Jornal Folha de S. Paulo*, São Paulo, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-s-paulo/20200407/281736976568066>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FINOTTI, Ivan. Projeções em prédios ganham espaço em painéis contra Bolsonaro. *Jornal Folha de S. Paulo*, São Paulo, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/projecoes-em-predios-ganham-espaco-em-panelacos-contrabolsonaro.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. A Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tom. *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a, p.61-162.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Submissão: novembro de 2023

Aceite: novembro de 2023